

Formação de educadores de EJA: um relato a partir da experiência com os educadores populares do MOVA-Guarulhos

Formation EJA educators: a report from the experience with popular educators of MOVA-Guarulhos

Carlos Eduardo Sampaio Burgos Dias¹

Resumo

Este relato de experiência apresenta uma das Formações Permanentes realizada no segundo semestre de 2015 pela equipe de Coordenação Pedagógica do MOVA-Guarulhos junto aos seus educadores e agentes populares. Este relato se refere a uma formação realizada com 57 desses educadores e seu objetivo é refletir sobre o papel social do MOVA-Guarulhos. As reflexões aqui colocadas partem do referencial teórico de Paulo Freire (1987, 1999, 2000) e da educação popular, e se inicia com o debate sobre a compreensão do MOVA-Guarulhos como uma política pública de educação formal ou não formal. Contatou-se ao final dessa experiência que expressões como “movimento social” e “transformação”, tidas por Miguel Arroyo (2015) como caras a educação popular, não foram citadas pelos educadores, o que nos faz manter a questão do papel social do MOVA-Guarulhos em aberto.

Palavras-chave: educação não formal. educação popular. Paulo Freire. MOVA. Educação de Jovens e Adultos.

Abstract

This experience report presents one of the permanent formations held in the second half of 2015 by the Pedagogical Coordination team of MOVA-Guarulhos among its educators and popular agents. This report refers to the formation made with 57 of these educators and the purpose of this report is to reflect on the social role of MOVA-Guarulhos. The reflections placed from the theoretical framework of Paulo Freire (1987, 1999, 2000) and popular education, and begins with the debate on the understanding of MOVA-Guarulhos as a formal or non-formal education public policy. It is checked to the end of this experience that expressions such as "social movement" and "transformation", taken as important by Miguel Arroyo (2015) popular education and social movement were not cited by popular educators, which makes us keep the question of the social role of MOVA-Guarulhos open.

Keywords: non-formal education. popular education. Paulo Freire. MOVA. education for youth and adults.

Considerações Iniciais

Este relato de experiência tem como objetivo problematizar o MOVA-Guarulhos (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos) a partir de questões originadas durante o processo de formação junto aos educadores e agentes populares no ano de 2015. Para isto, tomo como base dois trabalhos, o primeiro de Dias (2011), intitulado “MOVA-Guarulhos: educação formal ou

¹ Pedagogo do NAE (Núcleo de Apoio ao Estudante) da Unifesp, campus Osasco. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Unicamp. Contato: carlinhosk3@yahoo.com.br

não-formal?” e o segundo de Dias e Costa (2013) de título “MOVA-Guarulhos: um espaço de militância e o perfil do seu educador”. Como conceito central deste trabalho e do processo de formação a ser relatado, Paulo Freire nos inspira a partir de suas reflexões sobre a dialogicidade, ou melhor, do diálogo como prática de liberdade (FREIRE, 1978) e de sua pedagogia centrada a partir dos temas geradores.

Passados seis anos da publicação do trabalho de Dias (2011), algumas questões que o nortearam a época, como a compreensão do MOVA-Guarulhos como educação formal ou não formal, seu caráter de política pública ou movimento social e o debate entre educação popular e educação de jovens e adultos foram retomadas aqui, buscando compreender os significados da institucionalização desse movimento, a partir da minha inserção como membro da equipe de Coordenação Pedagógica do MOVA-Guarulhos². Após a apresentação dessas questões, apresento um relato de experiência descrevendo uma das Formações Permanentes (FP) realizadas no segundo semestre de 2015, nele, compartilho o conteúdo utilizado para sua realização e, trago também as reflexões sobre o MOVA-Guarulhos originadas no diálogo nesse processo formativo.

Essa Formação Permanente, objeto deste relato, teve como objetivo compreender o papel social do MOVA-Guarulhos na sociedade a partir do debate de sua inserção na Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos. Essa inserção, a priori, no sistema formal de educação do município, é parte das políticas públicas municipais de atendimento ao público da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que também conta com o oferecimento do ensino fundamental em 29 escolas da rede municipal.

A compreensão do MOVA-Guarulhos como educação formal ou não formal tem muito mais intuito de refletir sobre o seu papel na sociedade do que definir o campo semântico ao qual ele se situa. Para Trilla (2008), “(...) a educação formal e não-formal se distinguiriam não exatamente por seu caráter escolar ou não escolar, mas por sua inclusão ou exclusão do sistema educativo

² Compunham comigo a equipe até a data deste relato, as educadoras: Clotilde Estevão da Silva, Francisca Bueno dos Santos, Francisca Inácia Alencar Carvalho Barros, Maria Cristina Rosa dos Santos Gonçalves, Miriam Augusto da Silva, Roseclei Neves da Silva e Valéria de Campos Balbino.

regrado” (TRILLA, 2008, p.40). Em outras palavras, a educação formal é aquela que outorga grau.

Para Gohn (2006),

A educação não-formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/ idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima e do empowerment do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo (GOHN, 2006, p.30).

Sendo assim, para compreender o papel do MOVA-Guarulhos na sociedade é preciso situá-lo e compreender seus objetivos enquanto proposta educacional, problematizando-o em relação a aquilo que se propõe, que para alguns de seus atores significa transformar e para outros incluir e alfabetizar, como veremos mais adiante.

Breve histórico do MOVA

Antes de iniciarmos a discussão sobre o papel social do MOVA-Guarulhos, apresento um breve histórico do MOVA na cidade de São Paulo, do MOVA na cidade de Guarulhos, contextualizando-os com outras duas experiências no ABC paulista.

O MOVA – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – nasce em 1989 na cidade de São Paulo, com Paulo Freire à frente da Secretaria de Educação do município, gerida à época por Luiza Erundina, prefeita eleita pelo PT (Partido dos Trabalhadores). O MOVA nasceu de um contexto social pós-ditadura, com efervescência de diversos movimentos sociais, inaugurando um modelo de parceria entre Estado e organizações da sociedade civil (SANTOS, 2004, p.2).

Diversos desses movimentos sociais já alfabetizavam jovens e adultos na cidade de São Paulo e procuraram Paulo Freire para organizarem uma política pública para atendimento desse público (BORGES, 2004). Embrionado

na educação popular dos movimentos eclesiais de base dos anos 1960 (GADOTTI, 2008), a proposta do MOVA era a emancipação dos sujeitos, uma educação voltada para transformação social, sendo a alfabetização um meio, uma ferramenta capaz de subsidiar os sujeitos nessa luta por emancipação e consequente transformação social. Para isso, o MOVA foi organizado a partir de uma parceria entre o poder público municipal e entidades sociais que agregavam a alfabetização ao seu processo de luta.

Em Guarulhos, o MOVA foi criado em 2002, por iniciativa da Prefeitura, à época gestada por Elói Pietá, também eleito pelo PT. Aliás, esse é um ponto que merece destaque, o MOVA enquanto programa e bandeira política foi adotado por governos do PT, tendo sido organizado por outros poderes executivos no Brasil e, geridos por este partido (BORGES, 2004). Essa correlação talvez se justifique pelo fato do PT ter grande parte de seus militantes envolvidos em diversos movimentos sociais. Porém, não foi em todos os lugares que o MOVA surgiu por uma cobrança dos movimentos sociais ou da sociedade civil organizada, e sim, por vontade do poder público³.

De forma geral, os Movas funcionam através de convênios entre o poder público e entidades da sociedade civil, sendo as salas de alfabetização vinculadas as entidades. Em Guarulhos, atualmente há nove entidades conveniadas junto a Prefeitura, somando 221 salas de alfabetização que atendem, aproximadamente, 3500 educandos.

No MOVA-Guarulhos, as salas, ou núcleos de alfabetização, são os lugares onde acontecem os trabalhos de alfabetização dos educadores populares, os voluntários cadastrados nas entidades sociais responsáveis pela ação educativa. Esses núcleos precisam ter ao menos dez educandos para participarem do Programa. Esses educadores populares são assistidos por agentes populares que tem como principal atribuição ser o elo entre as entidades e os educadores e entre os núcleos de alfabetização e a sociedade,

³ Almeida et al. (2007, p. 29) discutem as diferenças nas implementações do Mova nas cidades de Diadema e Mauá, apontando que em Diadema a iniciativa do poder executivo coincidia com a mobilização dos movimentos sociais e, em Mauá, o movimento inicial se deu por iniciativa do poder executivo com apoio de uma organização regional intitulada Mova-ABC e que os movimentos sociais e a própria sociedade civil não reivindicavam a criação do Mova. Entretanto quando da criação do MOVA nessas cidades com o objetivo de combater o analfabetismo, o MOVA como bandeira política apontava para o “modo petista de governar”.

ajudando os educadores a encontrarem jovens e adultos que queiram/precisem ser alfabetizados. Cada agente popular pode se responsabilizar por até seis núcleos de alfabetização e, tanto os agentes, como os educadores populares, recebem, por intermédio das entidades, uma ajuda de custo⁴ da Prefeitura de Guarulhos destinada para subsidiar sua alimentação e transporte, que atualmente é de R\$ 550,00 mensais por educador e de R\$ 85,00 mensais por sala de alfabetização para o agente popular. Em contrapartida, esses educadores e agentes populares precisam participar de formações permanentes oferecidas quinzenalmente pela Secretaria de Educação. Essa forma organizacional permanece desde a sua criação, em 2002.

Antes de apresentar o relato da Formação Permanente, faço algumas breves explicações sobre o trabalho de formação dessa equipe de Coordenação Pedagógica do MOVA-Guarulhos. No momento, essa equipe é composta de sete profissionais e é vinculada a Divisão Técnica de Políticas para o Ensino Fundamental e EJA do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas (DOEP) da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Guarulhos. Dentre suas principais atividades, estão:

Formação inicial – acontece todo início de ano, são dez encontros com educadores e agentes populares que ingressam no MOVA-Guarulhos visando dar orientações gerais sobre a concepção e organização do Programa;

Formação permanente – acontece quinzenalmente ao longo do ano. Atualmente estão organizadas em dez encontros por semestre e em cinco turmas (duas de segunda-feira à noite, duas de sexta-feira sendo uma pela manhã e outra a noite e, uma aos sábados pela manhã); é voltada aos educadores populares e tem como objetivo orientar e subsidiar os educadores no trabalho de alfabetização.

Encontro de AP's (Agentes Populares) – acontece quinzenalmente ao longo do ano, atualmente estão organizados em dez encontros por semestre, possui uma única turma que se reúne as terças-feiras à noite; é voltado aos

⁴ As entidades também recebem uma ajuda de custo mensal de R\$85,00 por sala de alfabetização, que deve ser gasta, obrigatoriamente, com materiais de apoio as próprias salas, como materiais de limpeza e jogos pedagógicos, por exemplo.

agentes populares e tem como objetivo orientar e subsidiar os agentes populares no apoio ao trabalho dos educadores.

Encontro integrado – acontece uma vez por semestre para cada entidade, reúnem os educadores, agentes populares, membros da diretoria da entidade e equipe de Coordenação Pedagógica do MOVA-Guarulhos. Seu objetivo é avaliar o semestre e propor ações em conjunto para cada entidade.

Seminário – acontece uma vez por semestre reunindo todos os educadores e agentes populares num mesmo local e horário, e seu objetivo é trazer questões reflexivas para todo o MOVA-Guarulhos.

Visita de salas – são feitas semanalmente pela equipe de Coordenação Pedagógica e tem o intuito de avaliar o desenvolvimento de cada núcleo de alfabetização (sala), desde a frequência dos educandos até o trabalho desenvolvido por cada educador. Essas salas funcionam das 7h às 22h conforme Tabela 1.

Tabela 1: Salas de Alfabetização do MOVA-Guarulhos distribuídas por período

Horário	Quantidade de salas	%
07h às 12h	25	11
12h às 19h	41	19
19h às 22h	155	70

Fonte: Produzida pelo autor a partir de dados da SME/DEE (setembro de 2015).

Conferência dos diários de salas – atividade realizada ao longo do ano que tem como objetivo subsidiar a avaliação de cada um dos núcleos.

Conferência das fichas de visitas de AP's – atividade realizada ao longo do ano através das visitas quinzenais que cada AP faz aos núcleos sob sua incumbência. Tem como objetivo subsidiar a avaliação de cada um dos núcleos.

Distribuição de materiais e uniformes – atividade realizada no início dos semestres. Tem como objetivo garantir o acesso aos educandos de todo kit escolar distribuído pela rede municipal.

Além dessas atividades, a equipe de Coordenação Pedagógica também participa de encontros municipais estaduais e nacionais de MOVA e EJA,

assiste as entidades com dúvidas referentes a vida jurídica delas e participa de outras atividades e eventos da Secretaria Municipal de Educação.

Algumas reflexões do MOVA ABC

Para refletir um pouco sobre o MOVA-Guarulhos, tomo o estudo de Almeida et al. (2007) sobre a experiência do Mova Diadema como referência contraposta ao Mova Mauá. Almeida et al. (2007) ao estudarem o MOVA nessas cidades apontam para concepções diferentes entre eles:

No caso de Diadema, a concepção inicial se modifica com a troca de prefeitos, mas a perspectiva de transformação da sociedade, no sentido de produzir relações mais justas e democráticas, esteve sempre presente. Já no de Mauá, apesar das orientações da coordenação do Mova-ABC, muito próximas do Mova-Diadema, ela não ocorreu e acabou por predominar uma visão focada no indivíduo, nas questões que envolvem a produção de sua auto-estima. (ALMEIDA et al., 2007, p.124).

Ainda segundo os autores, essa diferença se deu porque o Mova-Diadema nasceu no “movimento de produção da própria cidade, em meio a muitos outros movimentos, numa estreita relação entre o [poder] executivo e os atores locais (...) o capital social acumulado pelos atores foi decisivo para o surgimento desse movimento” (Almeida et al., 2007, p.141), diferentemente da experiência em Mauá, capitaneada pelo poder executivo municipal sem uma relação direta com os atores locais.

Ainda tomando o estudo sobre o Mova das cidades de Diadema e Mauá, segundo seus autores, em Diadema o Mova nascera em 1995 com data para acabar, esperava-se que ao final de 1996 o analfabetismo estivesse superado, o que não ocorreu. O objetivo não se realizou como uma “operação de guerra” e pouco a pouco foi se institucionalizando, “fazendo emergir tensões, agora na disputa com o Seja (Serviço de Educação de Jovens e Adultos).” (Almeida et al., 2007, p.133).

Para os autores, a institucionalização dos Movas os distanciou de seus objetivos de origem. De acordo com eles, essa institucionalização em Diadema se deu, inicialmente, quando o Mova passou a compor o SEJA e, aos poucos,

com uma reorganização curricular foi “ganhando uma organização que se aproxima muito mais de uma educação escolar” (Almeida et al., 2007, p.134).

Complementando esse processo de institucionalização, as trocas de gestão e a proximidade maior com a EJA regular fizeram com que o papel das entidades conveniadas no Mova-Diadema virasse

(...) meramente burocrático para manter o Mova em andamento. E o Mova, no sentido que nascera, como um movimento, perdera sentido. Transformou-se numa política pública empobrecida, envolta num discurso de participação da sociedade civil. Trata-se de incluir, de forma precária, aqueles que estavam fora da escola (...). As políticas contam com parcerias para sua realização, mas é o Executivo local o maior responsável por elas: garante recursos financeiros, recursos humanos e assessoria técnica.

A participação mais significativa dos parceiros se dá no quesito cessão de espaço físico, repetindo-se a tradicional ausência da sociedade civil nas questões pedagógicas (Almeida et al., 2007, p.134).

Sobre este ponto, a institucionalização do MOVA-Guarulhos, Dias (2011) já havia feito uma advertência:

Reconhecer o MOVA como movimento social é compreender que a parceria junto às entidades conveniadas tem um caráter progressista, de transformação social, negando a hipótese neoliberal de transferência de responsabilidade. Porém, mais importante do que a prefeitura reconhecer o MOVA enquanto movimento social é o próprio movimento se reconhecer como tal. (DIAS, 2011, p.40).

A experiência: o MOVA-Guarulhos e a educação de jovens e adultos em Guarulhos, qual nosso papel?

Após a avaliação das Formações Permanentes do primeiro semestre de 2015, foi proposto pela equipe de Coordenação Pedagógica que, ao final de cada Formação Permanente, dois educadores apresentassem experiências de atividades realizadas em sala com seus educandos. Além disso, foi proposta a criação de um grupo de sistematização dessas atividades, com o propósito de reunir todo esse material para elaboração de um caderno de atividades. Esse caderno seria um material de apoio a todos os educadores produzido por eles mesmos. Isso foi proposto uma vez que boa parte das avaliações apontou para falta de materiais específicos de alfabetização para educadores populares e,

pela falta de espaço para compartilharem suas práticas e, também, pelas Formações Permanentes focarem mais discussões teóricas.

A partir dessa problemática apontada nas avaliações e na responsabilidade em formar educadores para educação de jovens e adultos, em que de acordo com Paulo Freire “formar é muito mais que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 1999, p.14), foi proposta uma Formação Permanente com objetivo de discutir com os educadores e agentes populares os objetivos, ou a função social do MOVA-Guarulhos. Para iniciar o diálogo com estes educadores foi proposto como tema gerador o próprio MOVA, ou a própria condição destes enquanto atores do movimento. Para Soares e Pedroso (2013),

(...) os temas geradores não são temáticas motivacionais que se limitam a satisfazer as curiosidades dos educandos, recursos didáticos para melhor atrair sua atenção. São objetos de estudo selecionados no processo de investigação junto à comunidade e a partir do seu caráter significativo, conflituoso e contraditório (SOARES; PEDROSO, 2013, p.260).

Essa Formação Permanente foi realizada junto a 221 educadores e 37 agentes populares, divididos em suas turmas e, este relato, se refere a uma dessas Formações Permanentes feita com 57 educadores⁵.

O título desta Formação Permanente foi: “O MOVA e a Educação de Jovens e Adultos: qual o nosso papel?”. Ela foi dividida em duas partes, uma dinâmica com o objetivo de adentrar a discussão e um debate a partir do título. Foi iniciada pela dinâmica intitulada “Atravessando a Montanha”. A partir da imagem a seguir (Figura 1), foi solicitado aos educadores que se organizassem em grupos e escolhessem qual rota seria a mais viável para atravessarem as montanhas. Eles se organizaram em oito grupos, variando de cinco a nove educadores em cada um deles.

5 A dinâmica foi realizada durante a 6ª rodada de Formações Permanentes do segundo semestre de 2015. As cinco Formações Permanentes e o encontro de agentes populares aconteceram entre os dias 03 e 13 de outubro, porém os dados apresentados dizem respeito apenas uma delas.

Figura 1: Montanha



Fonte: Reinach (2008)

Foram dadas três opções de rotas:

- 1) pela rota a direita das montanhas, caminho mais longo, porém menos íngreme.
- 2) pela rota a esquerda das montanhas, caminho mais curto, porém muito íngreme.
- 3) pela rota do centro, entre as montanhas, desconhecida pelo(a) condutor(a), mas dizem que é mais curta e pouco íngreme.

Na sequência, foi solicitado aos grupos que explicassem qual rota escolheram e qual a justificativa para essa escolha. Inicialmente, os grupos escolheram as rotas de acordo com os membros do próprio grupo, alguns avaliando a partir da solicitação, ou seja, com foco nas montanhas, outros já fazendo paralelos com suas salas de alfabetização. Não houve consenso, porém, a “rota 1” foi apontada pela maioria dos grupos por ser considerada a mais “inclusiva”, apta para pessoas com variadas idades e condições físicas.

Após breves explicações de cada um dos grupos foi proposta uma nova dinâmica a partir da mesma imagem, intitulada “Ainda atravessando...”. Essa nova dinâmica pedia que os grupos levassem em consideração três grupos hipotéticos que deveriam ser conduzidos até o outro lado da montanha. Os grupos de educadores poderiam manter ou não as rotas escolhidas anteriormente, e deveriam justificá-las a partir dos grupos hipotéticos abaixo:

Grupo 1) São 20 pessoas, sendo: 10 jovens entre 15 e 24 anos de idade e 10 adultos entre 29 e 45 anos.

Grupo 2) São 20 pessoas, sendo: 2 jovens entre 15 e 24 anos de idade, 7 adultos entre 29 e 45 anos e 11 idosos com mais de 65 anos.

Grupo 3) São 20 pessoas, sendo: 13 adultos entre 29 e 45 anos de idade e 7 idosos com mais de 65 anos.

Assim como dá primeira vez, foi solicitado aos grupos que explicassem qual rota escolheram e a justificativa. A maioria dos grupos manteve a rota escolhida, optando por um dos grupos hipotéticos que julgavam se adaptar melhor a rota já escolhida. Apenas dois grupos mudaram a rota, escolhendo primeiro o grupo hipotético e depois avaliando qual rota seria melhor para “levar” esses grupos. Como a maioria dos grupos havia escolhida a primeira rota “mais inclusiva” e uma vez que faziam relações com o público do MOVA-Guarulhos, quatro grupos escolheram o terceiro grupo hipotético por ser “parecido” ao do MOVA-Guarulhos e os outros quatro optaram pelo segundo grupo hipotético por ser mais “diverso”, ou seja, ter jovens, adultos e idosos.

Após uma primeira rodada de apresentações das escolhas e justificativas foram feitas duas reflexões junto aos grupos de educadores:

O público influenciou a escolha da rota?

Para uma diversidade de públicos, é possível optar por caminhos diferentes?

Nesse momento houve um debate, um intenso diálogo, a educação problematizadora como propõe Paulo Freire, numa reflexão de pensar o próprio ato de educar entre formadores, educadores e educandos, um processo de dialogicidade que começa “não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes” (FREIRE, 1987, p.47).

Muitos educadores afirmaram que o público influencia a rota, mas quando questionados se deveriam definir primeiro a rota ou o público, houve uma divisão nas opiniões. Porém, a partir da segunda pergunta boa parte dos

educadores afirmaram que a rota só deveria ser escolhida após conhecerem o público.

Por fim, foi perguntado aos educadores se haviam notado alguma semelhança com algo que lhes era familiar. Muitos concordaram afirmando que o contexto era semelhante ao MOVA-Guarulhos, e alguns expandiram as semelhanças à educação num todo, e que a diversidade de públicos atendida pelo MOVA-Guarulhos variava de sala para sala, até mesmo com diferenças dentro de uma mesma sala. Os exemplos mais citados foram de educandos que queriam apenas ler e escrever e educandos que queriam seguir para a escola. Como última intervenção e, retomando o exercício da dinâmica no seu sentido mais figurado, ou seja, “atravessar a montanha”, foram feitas algumas perguntas, com as seguintes respostas coletivas:

Qual nosso objetivo?

Chegar ao outro lado.

Qual a rota?

Aquele que atende melhor as necessidades do público.

Quem escolhe o caminho?

O(A) condutor(a) junto do público.

Quem é o responsável pelo percurso?

O(A) condutor(a).

Após essa dinâmica que levou cerca de uma hora, foi proposto aos educadores que continuassem em seus grupos e definissem por escrito a partir de suas experiências pessoais o que compreendiam sobre:

O MOVA;

O papel social do educador;

O papel social do agente popular;

O papel social das entidades;

O papel social da coordenação pedagógica;

O papel social da SME.

Foi fornecido como material de apoio toda legislação sobre o MOVA-Guarulhos, lei, decretos e portarias. Cada grupo debateu por aproximadamente 30 minutos, sendo solicitado que um grupo apresentasse sua definição aos demais, e que os outros complementarizassem e/ou discordassem se fosse o caso. Após um debate inicial, marcado pelo processo de reflexão e diálogo pautado

nas experiências de cada um dos sujeitos ali reunidos, houve um consenso entre os oito grupos. As respostas consensuais foram:

MOVA: Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos. Alguns grupos o definiram como um movimento popular, porém nenhum deles o definiu com clareza, alguns identificando-o a uma ação da prefeitura e outros relacionando-os ao trabalho de suas entidades, prevalecendo a primeira opção para a maioria.

Papel social do educador: alfabetizar e incluir. Muito se falou do papel de incluir desse educador no acesso a cidadania dos educandos e da responsabilidade pela alfabetização. Alguns apontaram para o papel acolhedor desses educadores ao receberem adultos e idosos que as escolas não acolhem. Alfabetizar e incluir foram duas expressões consensuais entre eles, de modo que não levantaram outras hipóteses para o próprio papel, como o de militante, comumente atribuído aos educadores populares.

Papel social do agente popular: Orientar e auxiliar os educadores, sendo o elo mediador junto às entidades. Nesse tópico, houve muito debate, sendo sugerido por alguns grupos que a figura do agente popular fosse extinta. Boa parte dos educadores alegaram ter dificuldades de relacionamento com seus respectivos agentes populares, porém, quando solicitado que definissem o que compreendiam ser o agente popular, ou, aquilo que esperavam de um agente popular, até para que os agentes populares pudessem ser avaliados a partir de uma definição, a maioria deles defendeu que a figura do agente popular seria importante para o MOVA-Guarulhos nesse papel de articulação, entre educadores e entidades e entre educadores e comunidade.

Papel social das entidades: Ser o suporte para as salas e os educadores, intermediando a organização do MOVA-Guarulhos junto a Secretaria de Educação. De forma geral, todos os grupos atribuíram um caráter administrativo e legal as entidades, sem citar qualquer outra atuação das entidades junto às comunidades.

Papel social da Coordenação Pedagógica: Orientar e subsidiar os educadores, a partir de uma concepção freireana de educação, para o trabalho de alfabetização e inclusão social, tanto em aspectos pedagógicos, como

administrativos. Nesse ponto, não houve nenhum tipo de questionamento do papel da equipe de Coordenação Pedagógica, essa inibição se deu, provavelmente, pela minha presença enquanto coordenador.

Papel social da Secretaria Municipal de Educação: Manter o MOVA-Guarulhos, “pagando” os educadores pelo seu trabalho, enviando materiais aos educandos e educadores e fiscalizando as entidades e os núcleos de alfabetização. A visão que prevaleceu nesta discussão foi estrutural e burocrática em termos de formalização de convênios e prestação de contas.

MOVA-Guarulhos: educação formal ou não formal? Questões em aberto

Apresento aqui algumas questões sobre o MOVA-Guarulhos trazidas por Dias (2011) e Dias e Costa (2013), e que permanecem presentes. O estudo de Dias (2011), partiu de uma inquietação pela representação progressista que Paulo Freire teria, até os dias de hoje, para a educação brasileira, e o MOVA como uma de suas ações educativas, ainda presente em diversos lugares do país, intrigou-o a compreendê-lo na cidade de Guarulhos, num contexto diferente de seu surgimento na cidade de São Paulo (DIAS, 2011). Este estudo foi realizado entre os anos de 2008 e 2010 e a questão que deu título ao TCC “MOVA-Guarulhos: educação formal ou não-formal?” trouxe consigo outra pergunta: qual a função social do MOVA-Guarulhos? Nesse sentido, o trabalho de Dias e Costa (2013) o complementa por discutir o perfil dos educadores do MOVA-Guarulhos, abordando o caráter da militância, ou não, desses agentes na construção do próprio MOVA-Guarulhos. Segundo os autores, se os educadores do MOVA-Guarulhos o encararem

(...) apenas como um programa voltado para a superação do analfabetismo ou como uma fonte de renda, teremos então um ativista; se percebido como um espaço de intervenção política para construção de uma sociedade que supere não só o analfabetismo, mas que perceba o vínculo deste com as desigualdades sociais, culturais e econômicas do País e busque superá-las num todo, podemos ter um militante. (DIAS; COSTA, 2013, p.497)

Gohn (2004), ao discutir sobre as mudanças do significado da sociedade civil⁶ nas últimas décadas, aponta que elas também impactaram na alteração dos significados das ações de seus mobilizadores:

Criou-se uma nova gramática na qual mobilizar deixou de ser para o desenvolvimento de uma consciência crítica ou para protestar nas ruas. Mobilizar passou a ser sinônimo de arregimentar e organizar a população para participar de programas e projetos sociais, a maioria dos quais já vinha totalmente pronta e atendia a pequenas parcelas da população. O militante foi se transformando no ativista organizador das clientelas usuárias dos serviços sociais (GOHN, 2004, p.26).

Assim, compreender o MOVA-Guarulhos dentro do campo da educação formal ou não formal, ou até da educação popular, como defendem alguns de seus atores, traz consigo a necessidade de compreensão do papel que esse movimento social e seus agentes cumprem junto à sociedade. Para os educadores participantes deste relato, esse papel é de alfabetizar e incluir, não necessariamente transformar, o que talvez os distancie da ideia de movimento social atribuído originalmente ao MOVA-Guarulhos.

Dias (2011) defendeu um papel híbrido do MOVA-Guarulhos, por vezes sendo complementar ao sistema formal do município e, por vezes sendo um movimento social capaz de articular pautas da sociedade para além da alfabetização, sendo um elemento transformador da sociedade como propunha Paulo Freire:

Cabe ressaltar que, para nós, o trabalho de alfabetização, na medida em que possibilita uma leitura crítica da realidade, se constitui como um importante instrumento de resgate da cidadania e que reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhora da qualidade de vida e pela transformação social (FREIRE, 2000, p. 68).

6 Segundo Salomón (2006), sociedade civil pode ser definida como “o conjunto de organizações diversas que se mantêm independentes do Estado, com o qual se resgata o conceito residual de que sociedade civil é tudo que não é Estado”. Gohn (2004) afirma que: “entre os anos 1960 a 1980 o termo era sinônimo de tudo aquilo que não fosse militar. Já na década seguinte, com a ascensão do neoliberalismo, o termo fazia referencia a tudo que não fosse empresarial, e que no novo século, o termo está associado às ONGs (Organizações Não Governamentais)” (DIAS; COSTA, 2013, p.483). Ainda de acordo com Dias e Costa (2013), o que identifica um educador do MOVA-Guarulhos como militante ou ativista “é a concepção que esse educador tem do MOVA-GUARULHOS. Nesse sentido, esse educador precisa ter clareza quanto à função social desse movimento. Somente pertencer à comunidade e ser um bom alfabetizador não faz desse educador um militante, ainda que sejam fatores primordiais na construção de um movimento social de alfabetização” (DIAS; COSTA, 2013, p.495).

Hoje, esse papel híbrido do MOVA-Guarulhos talvez permaneça, porém tanto nas dimensões formal e não formal da educação o papel do MOVA-Guarulhos parece ser pouco notado na sociedade.

Dos dados da pesquisa à época (DIAS; COSTA, 2013), realizada junto aos educadores e agentes populares do MOVA-Guarulhos, destaca-se que 98% deles afirmaram ter concluído o ensino médio, sendo que, 22% deles afirmaram ter concluído o ensino superior. Do total dos educadores à época, 89% se declararam do sexo feminino, sendo que 64% afirmaram ter entre 26 e 45 anos de idade. Além disso, 58% desses educadores assinalaram terem nascido na região sudeste. Um ponto que chamou a atenção foi que, nessa mesma pesquisa, apenas 13% deles afirmaram participar do MOVA-Guarulhos pela ajuda de custo, porém, para quase 48% desses educadores, a ajuda de custo representava sua única ou principal fonte de renda e, para outros 25%, essa ajuda de custo representava a metade da renda da família.

A partir desse quadro, uma questão à época que parece não ter sido respondida por Dias (2011) e que permanece atual é se a ajuda de custo, pensada inicialmente como um subsídio, ou seja, um mecanismo para um determinado fim acabou tornando-se uma finalidade para muitos educadores, que passaram a depender dela, atuando no MOVA-Guarulhos como uma forma de obter renda e não necessariamente por identificação com a proposta original.

Sobre essa questão Dias e Costa (2013) apontam que

(...) os dados obtidos a respeito da ajuda de custo podem apontar para educadores que atuam como ativistas da alfabetização, tendo no MOVA uma possibilidade de inserção no mundo do trabalho, e não um espaço de militância, consagrando a lógica neoliberal de desresponsabilização do Estado, que transfere para a sociedade sua responsabilidade, no caso, a educação (DIAS; COSTA, 2013, p.496).

Não temos dados recenseados recentes que nos permitam traçar uma comparação entre 2011 e 2016, porém, no contato com esses educadores durante as Formações Permanentes ao longo do ano de 2015, minha percepção foi que: essa ajuda de custo ainda tem grande significado na renda da maioria dos educadores.

Pensando a partir da problemática apresentada por Almeida *et al* (2007) sobre a institucionalização no Mova-Diadema e que, apresenta semelhanças com o atual funcionamento do MOVA-Guarulhos, fica a pergunta: a equipe de Coordenação Pedagógica tem um papel ambíguo? Ela deve dar conta do movimento social e política pública de EJA?

Esse processo de institucionalização nos permite algumas reflexões. Não que não seja desejo de ninguém da equipe de Coordenação Pedagógica que o processo de alfabetização seja politizado, mas ser politizado significa atuar enquanto movimento social? Para Dias e Costa (2013), o “MOVA como uma política pública de superação do analfabetismo não extingue necessariamente o seu caráter de movimento social” (p.497). Para eles, esse caráter de movimento social deve ser revelado pela reflexividade dos próprios educadores. Eles apontam que os educadores podem ser considerados militantes, porém “a percepção de agente transformador da sociedade cabe aos próprios educadores assumir essa condição” (DIAS; COSTA, 2013, p.497) e, assumida essa condição de militante e de atuação política como possibilidade de transformação da e na sociedade, o MOVA-Guarulhos pode ser encarado como um movimento social. Nota-se que os autores não afirmam que o MOVA-Guarulhos é um movimento social e sim que ele “pode ser”, o que também se verificou nas reflexões feitas durante a Formação Permanente, nela os educadores não o definiram como tal, mas tangenciaram essa possibilidade a partir do trabalho que realizam. O caráter institucionalizante apontado pelos educadores ao se referirem as entidades e a Secretaria de Educação, parece distanciar o MOVA-Guarulhos do seu aspecto mais popular e de movimento social. Esses educadores parecem incorporar essa institucionalização para suas práticas cotidianas.

Paulo Freire ao se referir a “sombra” que os oprimidos “introjetam” dos opressores e que ao expulsarem-na necessitam de um novo conteúdo a preencher, o conteúdo da autonomia, ressalta que

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Ninguém

liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão (FREIRE, 1987, p.18).

Esse processo de diálogo e reflexão na busca pela transformação social e liberdade deve ser permanente como aponta Paulo Freire. Nesse contexto, avaliar o MOVA-Guarulhos faz-se necessário. Mas, o que avaliar? Número de educandos matriculados? Ou, número de educandos que concluem o MOVA Guarulhos? Número de educandos que seguem para EJA (Educação de Jovens e Adultos) regular? Número de educandos que concluem a EJA regular? Número de educandos alfabetizados? Certamente começando pela última questão podemos ter um indicativo, mas, como fazê-lo? Através de uma avaliação da própria Secretaria de Educação?

Tomando como base os números referentes às matrículas na EJA regular de educandos oriundos do MOVA-Guarulhos, nota-se que eles não são muito significativos se comparados ao universo total de educandos atendidos. Em 2015, apenas 150 educandos⁷ foram encaminhados às escolas com EJA da cidade e, em 2014, foram cerca de 350⁸, números que variam, respectivamente, entre 5% e 10% dos educandos matriculados no MOVA-Guarulhos nesses dois últimos anos. Se a proposta inicial de Paulo Freire era alfabetizar e politizar jovens e adultos em 40 horas (GERMANO, 1997), como um educando pode seguir por mais de um ano no MOVA-Guarulhos? Não estamos dizendo aqui que não se deve respeitar o tempo de aprendizado de cada sujeito, até porque isso é feito, porém, os números recentes do MOVA-Guarulhos apontam para uma situação embaraçosa: ou os educandos não estão sendo alfabetizados ou os educandos buscam algo para além da alfabetização, como por exemplo, um espaço de socialização, num sentido muito mais assistencial do que educacional. Essas questões são na verdade hipóteses, que precisam ser investigadas em futuros trabalhos.

Atualmente, os educandos que se reconhecem como alfabetizados recebem um certificado simbólico de concluintes. Para alguns, isso basta, para outros é uma motivação para seguir os estudos nas escolas da região. Desses que seguem os estudos, cada um tem um destino, pois são as escolas que

7 Guarulhos (2015).

8 Guarulhos (2014).

realizam o processo de classificação nos ciclos (ou séries quando na rede estadual) e há educandos que se matriculam no primeiro ciclo, correspondente ao ensino fundamental I e outros que se matriculam no segundo ciclo, que corresponde ao ensino fundamental II.

Dentro desse universo híbrido do MOVA-Guarulhos há educandos que o procuram buscando seguir os estudos e há outros educandos que buscam apenas um espaço de socialização. Essa diversidade de público e de objetivos desse público verificada junto aos educadores durante a Formação Permanente torna a gestão do MOVA-Guarulhos complexa. Nesse sentido, fica uma questão: é possível conciliar numa mesma política pública pessoas que querem seguir seus estudos com aquelas que buscam socialização?

Dentro desse emaranhado de questões que vai da discussão da educação formal ou não formal, passando pelo caráter de movimento social ou não do MOVA-Guarulhos, há questões de ordens pessoais dos educadores e educandos, mas que acabam por desenhar o MOVA-Guarulhos como uma espécie de “quebra-cabeças” da educação de jovens e adultos do município, dificultando seu entendimento.

Considerações Finais

As ideias apresentadas até aqui não possuem caráter conclusivo. São, antes de tudo, questões apresentadas para a reflexão e debate sobre o MOVA-Guarulhos, sua hibridez entre a educação formal e não formal e os processos de institucionalização dos movimentos sociais. A experiência aqui relatada buscou sistematizar, muitas questões em aberto desde os trabalhos de Dias (2011) e Dias e Costa (2013) e que também foram verificadas junto ao próprio MOVA-Guarulhos em 2015. O próprio debate entre a compreensão do MOVA-Guarulhos como educação formal ou não formal parece permanecer. Segundo Trilla (2008)

(...) a educação formal e não-formal se distinguiriam não exatamente por seu caráter escolar ou não escolar, mas por sua inclusão ou exclusão do sistema educativo regrado. Isto é, o que vai do ensino pré-escolar até os estudos universitários, com seus diferentes níveis e variantes; ou, dito de outro modo, a estrutura educativa graduada e

hierarquizada orientada à outorga de títulos acadêmicos (...) O formal é aquilo que assim que é definido, em cada país e em cada momento, pelas leis e outras disposições administrativas; o não-formal, por outro lado, é aquilo que permanece a margem do organograma do sistema educacional graduado e hierarquizado (TRILLA, 2008, p.40).

A partir dessa definição de Trilla (2008), poderíamos apontar para o caráter não formal do MOVA-Guarulhos, porém, ao pertencer a estrutura organizacional da Secretaria Municipal de Educação e lembrar várias características do sistema escolar faz com que esses elementos permitam que esse debate permaneça atual. Além disso, há o viés da educação popular e seu caráter transformador da sociedade, presente em Paulo Freire e em suas experiências na alfabetização de adultos e, não observado nas práticas recentes do MOVA-Guarulhos, o que contribui para a compreensão do MOVA-Guarulhos como educação formal, ou, algo institucionalizado.

Interessante notar que, em todo o processo da Formação Permanente aqui relatada como experiência, as expressões “movimento social” e “transformação” não apareceram em nenhuma das falas. A ausência dessas expressões, tão caras a educação popular, segundo Arroio (2015), nos leva a questionar o papel que o MOVA-Guarulhos ocupa hoje na sociedade, que, segundo seus educadores é de “alfabetizar” e “incluir”. O caráter inclusivo do MOVA-Guarulhos talvez remeta muito mais a uma ideia assistencial ou “psicologizante” direcionada a produção da autoestima, como já verificado no Mova Diadema, do que educacional, no seu sentido político, dialógico e transformador como defende Paulo Freire. Isso, mesmo considerando a educação como um direito básico para conquista de outros direitos.

Muitos educadores alegam que os educandos não “querem ir à escola”, tendo como justificativa principal o fato da escola não ser “acolhedora” como o MOVA-Guarulhos. Soma-se a esse argumento o fato do horário das escolas ser pouco flexível; infelizmente, em muitas escolas aqueles educandos que se atrasam não conseguem adentrá-la, o que dificulta a vida de muitos que trabalham. Outros educadores alegam que as escolas são longe de suas residências, e outros, que não há escolas com EJA funcionando nos horários da manhã ou tarde, realidade já apontada em muitos estudos sobre EJA no Brasil.

Nesse sentido, há que consentir que o MOVA-Guarulhos tem pontos positivos porque há salas de MOVA em regiões da cidade onde não há escolas, seus horários são variados, funcionando desde as 7h até às 22h e, os educandos podem frequentar as atividades independente de possíveis atrasos. Além disso, o lado acolhedor dos educadores, que em geral pertencem à própria comunidade, facilita o início dos trabalhos de alfabetização por estabelecer um laço afetivo mais rápido com o processo educativo, uma vez que, via de regra, compreendem o contexto da maioria dos educandos.

Esses pontos positivos concordam com uma das conclusões de Di Pierro e Haddad (2015) ao analisarem as transformações ocorridas nas políticas de EJA no Brasil no início do terceiro milênio:

A segunda característica do período foi a institucionalização da EJA no arcabouço das políticas públicas de educação básica, com base na qual o ativismo em torno de numerosos programas deu margem à experimentação de várias estratégias que, se tiveram resultados pouco expressivos que colocaram a EJA na berlinda, também proporcionaram ricas aprendizagens, a partir das quais as políticas públicas podem ser reorientadas (DI PIERRO; HADDAD, 2015, p.213).

Pensando ainda nesses pontos positivos e no sentido de movimento social que alguns atores do MOVA-Guarulhos atribuem a ele, essas pautas, ou motivos, que dificultam o acesso dos educandos do MOVA-Guarulhos as escolas da cidade poderiam servir de mobilizador da própria luta do movimento. Segundo Dias e Costa (2013), o que pode “caracterizar o MOVA e seus educadores como militantes ou ativistas são suas ações dentro do movimento, e sua percepção desse movimento, sua função social, singularidades que fundam sua natureza e sentido” (p.496).

Para Paulo Freire

Não há um trabalhador do ensino, no Brasil ou em qualquer sociedade, como algo abstrato, universal. O trabalhador do ensino, enquanto tal, é um político, independentemente de se é, ou não, consciente disto. Daí que me pareça fundamental que todo trabalhador do ensino, todo educador ou educadora, tão rapidamente quanto possível, assumam a natureza política de sua prática [...]. Situando-se entre os educadores e as educadoras progressistas do Brasil, hoje, diria que nos assumir assim significa, por exemplo, trabalhar lucidamente em favor da escola pública, em favor da

melhoria de seus padrões de ensino, em defesa da dignidade dos docentes, de sua formação permanente. Significa lutar pela educação popular, pela participação crescente das classes populares nos conselhos de comunidade, de bairro, de escola. Significa incentivar a mobilização e a organização não apenas de sua própria categoria, mas dos trabalhadores em geral como condição fundamental da luta democrática com vistas à transformação necessária e urgente da sociedade brasileira (FREIRE, 2000, p. 50).

Como apontado inicialmente, o objetivo deste relato de experiência foi problematizar o MOVA-Guarulhos a partir de questões originadas nas Formações Permanentes, em especial naquela que teve como tema “o MOVA-Guarulhos e a educação de jovens e adultos em Guarulhos, qual nosso papel?”. Essa Formação Permanente teve como objetivo compreender o papel social do MOVA-Guarulhos na sociedade a partir do debate de sua inserção na Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos, permitindo assim, discutir sobre as diferentes compreensões desta política pública, seja como educação formal ou não formal.

A partir da experiência relatada e do acompanhamento dos educadores populares e suas salas de alfabetização durante o ano de 2015, é possível apontar que o MOVA-Guarulhos, enquanto movimento social parece não ser reconhecido como tal por seus próprios atores. Isso talvez aconteça pela falta de reconhecimento político do próprio trabalho de alfabetizar, como algo não mecânico e sim dialógico, transformador, político. Outro ponto, também pode ser pelo fato desses educadores participarem pouco de suas próprias entidades, sem relacionar o trabalho de alfabetização com a própria comunidade, ou então dessa luta por acesso a educação não fazer sentido para esses educadores como fez para outros educadores em outros tempos. Além disso, as condições objetivas do mercado de trabalho apontam para o MOVA-Guarulhos como uma possibilidade de renda para muitos desses educadores, para alguns até sendo primordial para seu sustento e de suas famílias. Isso, talvez coloque o MOVA-Guarulhos para esses educadores como um componente muito maior das suas próprias lutas diárias e individuais do que uma luta coletiva da sociedade. Completando esse raciocínio, para Arroyo (2015), muitos movimentos de alfabetização se distanciaram de outros

movimentos sociais, perdendo assim o contato com o povo e com as lutas sociais, perdendo assim suas características de educação popular.

Conforme dito inicialmente, o objetivo desse relato de experiência foi compartilhar reflexões a partir das Formações Permanentes realizadas junto aos educadores e agentes populares do MOVA-Guarulhos, e muitas questões postas aqui ficam em aberto ainda, sem respostas, buscando um processo reflexivo junto aos atores do próprio MOVA-Guarulhos e a comunidade científica.

Referências

ALMEIDA, Elmir; ANCASSUERD, Marli Pinto; NAKANO, Marilena. MOVA: da participação virtuosa à precariedade da política: um estudo de caso dos Movas Diadema e Mauá. In: HADDAD, Sérgio (Coord.). **Novos caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA. Um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras**. São Paulo, SP: Ação Educativa/FAPESP/ Global, 2007. p.111-145.

ARROYO, Miguel. Conferência Educação Popular Hoje. In: **2º Seminário Internacional Educação Popular Hoje**. São Paulo, SP: Ação Educativa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2gosnjvh3vw>>.

BORGES, Liana. O papel do poder público e da sociedade civil. In: SANTOS, Maria Alice de Paula (Org.). **MOVA em Movimento**. Porto Alegre, RS: Ação Educativa; Instituto Paulo Freire; Secretaria de Estado de Educação-RS, 2004.

DIAS, Carlos Eduardo Sampaio Burgos. **MOVA-Guarulhos: Educação formal ou não-formal?** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Guarulhos, SP: Departamento de Educação, Universidade Federal de São Paulo, 2011.

DIAS, Carlos Eduardo Sampaio Burgos; COSTA, Patrícia Claudia da. MOVA-Guarulhos: um espaço de militância e o perfil do seu educador. **Olh@res**, Guarulhos, SP, v. 1, n1, p. 477-499, maio. 2013.

DI PIERRO, Maria Clara; HADDAD, Sérgio. Transformações nas políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma

análise das agendas nacional e internacional. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, maio/ago., 2015.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **MOVA, por um Brasil Alfabetizado**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GERMANO, José Willington. **As quarenta horas de Angicos**. Educação & Sociedade, ano XVIII, n. 59, ago. 1997. p.389-393.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e política pública educacional**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

_____. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 20-31, maio/ago. 2004.

GUARULHOS. **MOVA alfabetiza turma de 150 pessoas**. In: Notícias Portal Prefeitura de Guarulhos. Disponível em:
<http://www.guarulhos.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17782:mov-a-guarulhos-&catid=102:educacao>.

GUARULHOS. **Formatura reúne cerca de 350 alunos**. In: Notícias Portal Prefeitura de Guarulhos. Disponível em:
<<http://www.guarulhos.sp.gov.br/index.php?view=article&catid=49%3Aeducacao&id=21505%3Amova%2%Adalfabetiza%2%Adturma%2%Adde%2%AD150%2%Adpessoas&tmpl=component%E2%80%A6>>.

REINACH, Fernando. Árvores escalam montanhas para fugir do calor. In: Coletivo Ecologia Urbana, 2008. Disponível em: <<https://ecourbana.wordpress.com/2008/08/01/arvores-escalam-montanhas-para-fugir-do-calor/>>.

SALOMÓN, Leticia. O Papel da Sociedade Civil na Construção da Democracia In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy (Org.). **Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas**. Brasília, DF: Ministério da Educação; UNESCO, 2006.

SANTOS, Maria Alice de Paula (Org.) **MOVA em Movimento**. Porto Alegre, RS: Ação Educativa; Instituto Paulo Freire; Secretaria de Estado de Educação-RS, 2004.

SOARES, Leôncio José Gomes; PEDROSO, Ana Paula Ferreira. Dialogicidade e a formação de educadores na EJA: as contribuições de Paulo Freire. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 15, n. 2, p.250-263, maio/ago. 2013.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org). **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

Recebido em: 18/08/2016.

Aprovado em: 08/02/2017.